



Cantos e encantos das águas: arte e poesia na formação humana

Kenya Ricarte¹

Universidade de Brasília

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4926-6681>

Maria Alice Corrêa Medina²

Universidade de Brasília

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9647-7951>

Resumo: Este artigo apresenta o percurso da pesquisa de mestrado em Educação “Cantos e encantos das águas: arte e poesia na formação humana”, que teve como objetivo investigar como o simbolismo da água pode ser utilizado como recurso para o alcance de uma educação sensível e significativa no ambiente escolar. Desse modo, foram realizadas vivências ecopedagógicas que despertaram para a formação integral de jovens estudantes dos anos finais do ensino fundamental, incentivando a expansão da consciência em relação a si mesmos, ao outro e ao meio ambiente. Nos referenciamos ainda em uma educação decolonial e antirracista, valorizando a pluralidade inerente à vida e o caminho de construção para a justiça, paz e igualdade social. O estudo baseou-se em uma pesquisa qualitativa e etnográfica, com abordagem metodológica transdisciplinar. A pesquisa-ação existencial orientou o processo de construção do caminho vivencial e fundamentou a reflexão do trajeto percorrido.

Palavras-chave: Água. Metáforas. Formação humana.

Canciones y encantamientos de las aguas: arte y poesía en la formación humana

Resumen: Este artículo presenta el recorrido de la investigación del Máster en Educación "Canciones y encantamientos del agua: arte y poesía en la formación humana", que tuvo como objetivo indagar cómo el

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Brasília; Especialista em Educação Ambiental pelo Instituto Superior de Educação Ateneu. Professora efetiva da Secretaria de Educação do Distrito Federal, atuando nas áreas de Educação Ambiental, Ecologia Humana, Arte e Cultura, com ênfase em Arte Educação, Cultura Africana, Afro-brasileira, Indígena e Popular Brasileira. Pesquisa metodologias em Educação através de uma abordagem transdisciplinar e antirracista. E-mail: kenyaricarte@gmail.com

² Pós-doutora em Educação pela Universidade de Barcelona (2019 - bolsa FAP/DF); Pós-doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Pós-doutora em Educação pela Universidade de Brasília; Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília; Mestre em Educação Física pela Universidade Católica de Brasília; Especialista em Dança Educação, pela Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Universidade de Brasília. Integrante do Grupo de Pesquisa - Educação, Ecologia Humana e Transdisciplinaridade na Linha - Corpo, Cultura e Produção de Sentidos. E-mail: licinhamedina@gmail.com

simbolismo del agua puede ser utilizado como recurso para lograr una educación sensible y significativa en el ámbito escolar. Así, se llevaron a cabo experiencias ecopedagógicas que despertaron la formación integral de los jóvenes estudiantes en los últimos años de la escuela primaria, fomentando la expansión de la conciencia en relación con ellos mismos, con los demás y con el entorno. También nos referimos a una educación descolonial y antirracista, valorando la pluralidad inherente a la vida y el camino hacia la construcción de la justicia, la paz y la igualdad social. El estudio se basó en una investigación cualitativa y etnográfica, con un enfoque metodológico transdisciplinario. La investigación-acción existencial guió el proceso de construcción del camino experiencial y fundamentó la reflexión sobre el camino recorrido.

Palabras clave: Agua. Metáforas. Formación humana.

Songs and enchantments of the waters: art and poetry in human formation

Abstract: This article presents the path of the Master's in Education research "Songs and enchantments of water: art and poetry in human formation", which aimed to investigate how the symbolism of water can be used as a resource to achieve a sensitive education and significant in the school environment. Thus, ecopedagogical experiences were carried out that awakened the integral formation of young students in the final years of elementary school, encouraging the expansion of awareness in relation to themselves, to others and to the environment. We also refer to a decolonial and anti-racist education, valuing the plurality inherent to life and the path to building justice, peace and social equality. The study was based on qualitative and ethnographic research, with a transdisciplinary methodological approach. The existential action research guided the process of building the experiential path and supported the reflection on the path taken.

Keywords: Water. Metaphors. Human formation.

Somos água

Somos todos uma pequenina parte desse imenso organismo planetário, cercado de vida e formado em sua maior parte por água. Nosso planeta azul é fonte abundante de prosperidade e nutrição, e tem em seu útero o oceano, que abriga importante código ancestral da vida. Nossa amorosa mãe, a água, é matriz e nutriz, e em todas as suas dimensões e compreensões, representa o amor incondicional de quem desperta, nutre, cura, purifica e renova a vida.

A água nos acompanha desde a formação das nossas primeiras células, até a transformação de embrião em feto, o qual está a todo momento protegido pelas águas, no saco gestacional. No momento de nascimento do bebê, a água anuncia a sua chegada, por meio da explosão energética da vida que se movimenta, culminando no rompimento da bolsa das águas. E durante toda a existência, a água continuará guiando e acompanhando cada momento da nossa vida; do acordar ao deitar-se, estando presente desde a higiene e cuidado com o corpo, até o preparo do alimento. Ela é a mãe que cuida e escuta; e dela ouvimos e expressamos nossos mais profundos sentimentos. Em um ato humilde e

silencioso, mergulhamos em nossas emoções e somos transformados pelo frescor da lágrima. Seja em momentos de alegria ou tristeza, a água habita nossos corações em um movimento pulsante e constante, como substância, ritmo e fluxo.

Diante dessa dinâmica de fluidez, podemos convidar Wilkes (2008) ao afirmar que sendo a água essencial para a sustentação da vida, tudo que está vivo depende do seu fluxo e ritmo. Os ritmos são fundamentais para os processos vitais, a exemplo dos fluxos cardíaco e respiratório, que são indispensáveis para a manutenção e equilíbrio de todo o conjunto de órgãos que compõe o corpo. A dinâmica do cosmos possui também um fluxo e um ritmo capaz de influenciar até os mínimos eventos da natureza. Para Wilkes “a vida é ritmo manifesto e, como tal, é um microcosmo espelhando macrocosmo” (2008, p.27). A natureza fluida da água habita em si a dinâmica rítmica da respiração da terra ao realizar o movimento de expansão e contração, representado nas altas e baixas das marés. Ela possui ainda um caráter singular em relação aos outros elementos do planeta, pois expande-se ao congelar-se e contrai-se ao esquentar-se, sendo única também em apresentar-se nas mais diferentes formas e estados.

A partir do comportamento da água podemos compreender a vida em sua totalidade e integração, aspecto esse tão fundamental para a convivência harmônica entre os sistemas que compõem a ecologia planetária. Sendo assim, precisamos nos permitir enxergar a água para além da materialidade física, pois sendo ela uma entidade viva e inteira em sua totalidade é um espelho que reflete o caminho para o equilíbrio da ecologia humana. Nessa direção, nos alinhamos ao pensamento de Boff quando diz que a Terra não deve ser rebaixada a um “conjunto de recursos naturais ou a um reservatório físico-químico de matérias primas” (1996, p. 30), pois sendo um organismo extremamente dinâmico e complexo, possui sua identidade e autonomia.

O corpo humano compõe uma harmoniosa orquestra com o universo, pois ele é um microcosmo à imagem e semelhança do macrocosmo, em formas, fluxos e ritmos, movimentando-se de forma íntima e simbiótica. Perceber essa simbiose e influência dos ciclos naturais da Terra no corpo humano é essencial para o equilíbrio e bem-estar pessoal,

social e ambiental. Compreender que cada ação humana reflete uma transformação em seu meio é o princípio para a convivência harmônica com a vida.

Entretanto, a humanidade tem se distanciando cada vez mais do ritmo natural da vida ao negligenciar a organicidade dos fluxos que regem a ecologia da natureza. Nas palavras de Catalão & Rodrigues “vivemos um tempo acelerado e linear, onde aterramos contornos e meandros e o tempo presente escorre em linha reta, sem pouso e sem pausa” (2006, p. 83). As autoras alertam para a rapidez que caracteriza o tempo atual e suas consequências para a aridez e ressecamento dos rios internos (ritmos) de cada ser. Nesse sentido, cabe lembrar que grande parte das causas que levam a esse distanciamento é a ordem social vigente, regulada pelo regime capitalista, que privilegia o sistema econômico em detrimento da vida.

Esse mesmo sistema elege a produtividade como principal característica de valorização do humano, causando assim a exclusão de indivíduos considerados pouco ou não produtivos a partir da lógica de consumo estabelecida pelo sistema, sendo estes indivíduos, muitas vezes desconsiderados no contexto de produção vigente. Outro ponto de atenção está no objetivo fixo de formar consumidores para sustentar a produção gerada; estratégia essa que tem como motor as necessidades criadas pelo mercado consumidor e disseminadas principalmente pelas redes sociais, que criam percepções em relação a necessidade de consumo constante e ilimitada, bombardeando propagandas de vendas a todo momento.

Estamos diante de uma crise ética como alerta Voltolini (2015) em que a sociedade enfrenta grandes desafios devido ao predomínio da ideologia individualista neoliberal. Sob essa lógica, o entendimento da lei versa sobre o direito de cada um e não pelo direito de todos. Desse modo, o princípio de igualdade está fundado em uma ética baseada no gozo individual, sendo que o outro é percebido a partir da própria imagem do eu.

Desse modo, reforçamos o papel da educação ambiental e ecologia humana como ferramenta de fortalecimento da coletividade, contribuindo no despertar de uma consciência sutil de conexão entre o ser e a natureza, ao estimular a capacidade de conhecer e compreender a própria existência ao restabelecer os movimentos rítmicos pessoais em consonância com os da natureza. Para tanto, assim como é necessário romper com a

fragmentação do olhar sobre a totalidade, é importante compreender a educação como um meio de acesso à consciência integral do ser com o todo que o compõe, transformando assim o relacionamento do humano com a vida que o envolve. Nas sensíveis palavras de Mira Alfassa, a Mãe, (1977, p. 11), “educar é ajudar o despertar do outro no propósito de sua existência, na vontade de descobrir e buscar em si mesmo a verdade. Educar é auxiliar o percurso do indivíduo, encorajando-o, inspirando-o a reconhecer o valor da vida em suas infinitas possibilidades”. É da consciência plena de si e do seu objetivo perante a vida que a realização de seus propósitos se concretiza, pois, como afirma Alfassa, “uma vida sem objetivo é uma vida sem alegria” (1977, p. 10)

Nessa leitura, compreendendo a água como fonte rica em metáforas para uma educação integral, essa união revela um imenso mar de reflexões sutis, vocações poéticas e estéticas, enveredando cuidados em nome de uma súplica de atenção quanto às questões simbólicas que envolvem este elemento. Disso, brota o anseio em despertar para o fluxo das águas poéticas que compõem o interior de cada ser, dando vazão aos rios que formam as bacias hidrográficas pessoais, permitindo a fluidez das emoções e sentimentos, para assim conferirem brilho e cor para a diversidade humana.

Assim como no contexto das águas físicas da Terra, é importante reconhecer que estamos diante de uma preocupante poluição das “águas humanas”, ou seja, das emoções e sentimentos, e por esse motivo, precisamos oxigená-las. Para Duarte Jr. (2007), dentre as diversas significações do conceito de *sentimento*, este traduz-se muito bem como uma maneira emotiva de relacionar-se com o mundo interior e exterior. Dessa forma, despoluir as águas internas é abrir-se para um mergulho profundo em busca de identificar e reconhecer a rede de caminhos navegados e assim, contornar os obstáculos, com o propósito de fluir pacificamente no mundo. Essa conexão é como uma entrega de si ao útero da Terra, a fim de habitar a bolsa das águas da existência e resgatar a memória do sagrado que rege a ecologia da vida. É compreender que cada ser vivo contribui com seu movimento único na harmonia da dança cósmica, como poetiza Ailton Krenak.

Baseado no contexto acima, o pensar poético e o fazer artístico constituem-se como dispositivos de grande importância para o enraizamento da educação ambiental e da

ecologia humana, pois possibilitam acessar as inspirações e estimular sentimentos de afetividade, amorosidade e solidariedade. Sendo o processo de criação artística de natureza intuitiva e emocional, ele ocorre, primeiramente, do contato e integração com o mundo interior, e como aponta Duarte Jr., “a arte não é uma linguagem que comunique conceitos. Antes, é expressão de sentimentos. É a tentativa de concretizar, numa forma, o mundo inefável dos sentimentos humanos” (2007, p. 88).

Oxum: a fonte do amor

Em diversas culturas, o simbolismo da água está relacionado à vida ou nascimento. No contexto religioso, a água, ao ser representada como fonte nutridora e purificadora, está associada ao céu, pois relaciona-se à luminosidade das fontes e riachos. Representada por Bachelard (1998) como a grande mediadora entre o céu e a terra, a água faz a ponte entre o humano e o divino no plano espiritual. Das águas que caem do alto (as chuvas) que o reino do céu se conecta ao chão da terra, fertilizando-a, e nesse harmonioso fluxo cíclico, ao céu a água retorna.

Na filosofia iorubá, a água é o elemento que liga o humano ao sagrado. A água está presente em todos os momentos e é ela quem faz a purificação das energias. Há uma fala recorrente nas religiões de matriz africana que diz: “sem água, sem orixá³”. Para os adeptos dessas religiões, a natureza é sagrada, pois ela é a fonte de ligação com o sagrado e quem permite o acesso à dimensão espiritual. Assim, cuidar da natureza é um ato de oração, devoção e conexão com o sagrado. Os orixás que representam os arquétipos das águas trazem em si os fenômenos naturais dos ciclos das águas, dos diversos ambientes que acolhem as águas com suas peculiares características, que influenciam o fluxo e ritmo das águas, como nascentes, cachoeiras, lagos, oceanos, pântanos.

Desse modo, a força ancestral que um orixá revela por meio de seus arquétipos, características e mitos é vivida no cotidiano como potência sagrada para o aperfeiçoamento do ser humano. Os orixás atuam nos diversos setores da vida individual e social constituindo a subjetivação humana e em sua filosofia, a natureza não reside na exterioridade do ser, ao

³ Orixá- “divindade, deus do panteão iorubá” (PRANDI, 2001, p. 569).

contrário, ela se manifesta no comportamento e na personalidade. Por meio da filosofia e culto aos orixás, os africanos puderam reconstruir seus territórios internos e externos, mantendo viva a memória cultural, mítica e espiritual de seus ancestrais.

É importante destacar que a força do Orixá é compreendida e reverenciada por seus devotos de forma multidimensional, ou seja, se manifesta nos diversos setores da vida de um indivíduo e de sua comunidade; como o social, o político, o econômico, o pessoal e o espiritual. Na Nigéria, onde o culto à Oxum é um dos poucos à ser realizado em todo país, no aspecto social e político, sua imagem está atribuída à realeza, à nobreza e aos altos cargos.

O nome Oxum se relaciona à palavra Orísùn (MURPHY, 2001), que em iorubá quer dizer fonte do rio, das pessoas ou das crianças. Desse modo, Oxum significa “fonte”, podendo ser ilustrada como algo que corre, flui, escoar, se movimenta. “Oxum é perpetuamente a fonte renovando a vida, o aparecimento da água doce na terra seca, um modo de esperança em uma nova e difícil situação” (MURPHY, 2001, p. 02). Adiante, Murphy (2001) completa o sentido da simbologia de Oxum como a força elemental da água, que possibilita a vida e a sua preservação.

Divindade da água, fonte de vida, poder e autoridade, Oxum é representada como a deusa dos rios e da fertilidade, sendo o princípio e a matriz da vida. Oxum é a fonte em todos os sentidos, pois é a capacidade de nascimento e renovação, e é a ela a quem pertence a prosperidade material e espiritual. Conforme a poesia de Murphy, “Ela é a fonte sempre renovada abaixo da superfície do visível e quem faz a renovação possível” (2001, p. 06). Nesse sentido, Oxum é essencial nas iniciações dos devotos de Orixás, pois ela é a responsável por “cuidar das cabeças” dos seus filhos, ou seja, dos seus caminhos espirituais.

Ao desempenhar um papel social em uma comunidade, as mulheres que carregam a força do Orixá Oxum exercem também a função de cabelereiras, em que os trançados feitos nos cabelos, representam um cuidado com as cabeças externas e internas dos indivíduos, ou seja, dos seus oris. Assim, a própria trança desenhada no cabelo de uma pessoa é Oxum, sendo, desse modo, representada no ato de vestir-se e pentear-se, ou seja, nos cuidados com o corpo físico. Além disso, a Arte, como os poemas, as músicas, as pinturas, as danças, relacionam-se à Oxum, e é nessa atmosfera estética própria, que faz parte da ritualística

presente nos cultos de Oxum, que sua força se expressa de forma essencial para sustentação da vida e da ordem na terra.

Além disso, Oxum exerce importante função sociológica ao ser reconhecida como a Educadora, aspecto esse representado em muitos de seus Itan. Souza & Souza definem Itan como “o conjunto de mitos e lendas do panteão africano que narra as histórias envolvendo canções, danças, rituais e ensinamentos” (2018, p. 102). Desse modo, o Itan é um elemento representativo da oralidade e possui importante função civilizatória.

Ogum é um outro Orixá pertencente ao panteão africano, e é representado pelo ferro e sua capacidade de transformação pelo calor do fogo. O campo de domínio do Orixá reside na agricultura, na força das ferramentas e das espadas, na ação do trabalho e do esforço, na abertura dos caminhos e na vitória nos campos de batalhas. Assim como Ogum, Oxum também está relacionada à transformação, porém essa se pelo movimento silencioso das águas. É pelo brilho das águas frias e frescas de Oxum, que a doença é curada, e que as tristezas e desejos são amenizados, pois ela é capaz de renovar, purificar o ar e neutralizar seus conteúdos negativos (MURPHY, 2001).

Como aponta Murphy (2001) a habilidade de cura de Oxum está em sua compaixão e soberania, pois ela é a guerreira que luta pelos seus filhos, vencendo seus inimigos visíveis e invisíveis. Além disso, Oxum é a mãe amorosa que está sempre disponível para abraçar a quem precisa de seu colo, representando a morada segura para os angustiados e aflitos. Murphy (2001) cita a grande ialorixá brasileira Mãe Menininha do Gantóis, filha de Oxum, como sendo o espelho do arquétipo de Oxum, ao ter uma vida inteira dedicada à caridade e serviço à humanidade.

Iemanjá: a senhora das grandes águas

Para os povos iorubás, os orixás são representações dos elementos e forças da natureza, como os rios, florestas, montanhas, ar, chuva, raio, trovão. Os africanos que tiveram que deixar suas terras forçados pela escravidão, precisaram ressignificar seus cultos e adaptá-los à nova geografia do lugar que habitavam. Sendo assim, os orixás adotaram novos domínios, diferentes aos de origem em território africano, ganhando assim outras terras, outros rios, outras montanhas ou acidentes naturais.

Em África, Iemanjá é um orixá de águas doces, assim como Oxum e Nanã. A grande mãe é representada por uma mulher de formas arredondadas e seios fartos, que juntamente com Oxalá (Céu) é responsável pela criação do mundo. Seu nome se traduz como “mãe dos filhos de peixes” (*Yeye Omo Ejá*). Conforme Vallado (2019) o culto à Iemanjá chegou ao Brasil com os povos africanos iorubás, sendo introduzido principalmente no Estado da Bahia e depois espalhando-se por várias regiões do país e misturando-se a povos africanos de outras procedências. No Brasil, Iemanjá é representada pelas águas do mar e é considerada a mãe dos peixes, de todos os orixás e também de todas as cabeças humanas (oris), sendo a ela atribuída o cuidado das mentes, conferindo saúde e equilíbrio.

Cada orixá possui uma qualidade, sendo essa manifestada sob diferentes aspectos que compõem a sua singular natureza. Ao falar de Iemanjá, de acordo com suas múltiplas características, podemos descrever também o padrão de comportamento de seus filhos (pessoas que tem esse orixá como regente). Desse modo, de acordo com as crenças nos terreiros de candomblé, tendo o filho a regência de Iemanjá, este possuirá características físicas mais arredondadas e sua personalidade será constituída pelas qualidades da generosidade, da maternidade, da afetividade e também da instabilidade emocional, pois assim como as marés das águas, seus filhos podem ser oscilantes. Dessa forma, o arquétipo de Iemanjá contribui para a compreensão da importância de se cultivar a calma e o equilíbrio das emoções, pois como as águas, as emoções podem nos inundar, ocupando todo o espaço sem ao menos ser notada e quando menos se espera, já tomou conta de tudo.

Por ser a mãe dos peixes, Iemanjá é reverenciada pelos pescadores como aquela que oferece a fartura e abundância vinda do mar. Por esse motivo, podemos observar sua presença em esculturas espalhadas pelas praias brasileiras, sendo a ela associada a imagem de protetora dos pescadores, navegantes, viajantes, marinheiros, barqueiros. Iemanjá é também um orixá que se apresenta com grande frequência na cultura popular brasileira, sendo bastante expressiva sua representação nas artes plásticas, na literatura, na música, no cinema e teatro. Canções compostas e gravadas por compositores e cantores de grande prestígio saúdam e reverenciam a deusa das águas do mar. Nesse mar de composições

musicais podemos citar Elis Regina, Dorival Caymmi, Clara Nunes, Maria Bethânia e Marisa Monte.

Nanã: a guardiã do saber ancestral

Nanã é “a avó de todos os orixás” (PRANDI, 2001, p. 255). Sendo a mais velha, é portanto, denominada por Prandi (2001) como a guardiã do saber ancestral. De acordo com o Itan de criação do humano, Nanã foi a responsável por oferecer sua substância, a “lama sob as águas” (PRANDI, 2001, p. 196) para a modelagem da criatura, visto que Oxalá já havia tentado de várias outras matérias, porém sem sucesso. Assim, por meio da lama primordial que é Nanã, Oxalá criou o humano, e a partir do sopro de Olorum, ele caminhou. Entretanto, como Nanã deu a sua matéria para a criação do humano, quando o corpo morre ele deve retornar à terra, ou seja, voltar à natureza de Nanã Burucu.

Nesse Itan refletimos sobre a lei da transmutação energética que rege a organização dos ciclos da natureza. Nanã é o arquétipo da transição e da eternidade existente entre nascimento e morte; é o fio da ancestralidade que une a cadeia espiritual entre todas as dimensões. Ela nos chama para um olhar atento sobre a transformação que conduz ao renascimento, fazendo um convite ao mergulho nas profundezas da lama de nossa existência, reconhecendo as dores e feridas, para assim, aprender a cura. Nanã é a escuta, é o silêncio, a sabedoria e a lentidão.

Nanã é a calma da água dos lagos e lagoas e que tem no fundo do seu solo a decantação da matéria em decomposição, representando a memória dos que já existiram. É a senhora das águas quietas, que rege os pântanos e manguezais, estabelecendo o contato entre as águas doces de Oxum com as águas salgadas de Iemanjá.

Contexto do ensino escolar atual

Sabemos que muitos avanços no campo da ciência foram feitos ao longo da história, entretanto, a ciência foi edificada em uma estrutura rígida e limitada, ancorada por um pensamento fragmentado e segregador, e orientada com base em um modelo binário e cartesiano, que até hoje coloniza e aprisiona corpos, em seu pensar e agir. É por meio desse

projeto colonial que reconhecemos a necessidade de voltarmos ao tempo, para assim, entendermos a luta contra a opressão e a desigualdade social vigente; encarando de frente a urgente necessidade de uma reforma nas camadas mais profundas da sociedade.

Primeiramente, precisamos reconhecer que todos nós, em diferentes graus, fomos/somos colonizados; vivemos/sobrevivemos dirigidos por um sistema capitalista, patriarcal, antropocêntrico e moderno que domestica os conhecimentos e as formas de viver. Nesse sentido, descolonizar o modo de pensamento pessoal e social é o ponto de partida para iniciarmos a transformação necessária para reexistir e compreender que essa reexistência surge da força do coletivo.

Bauman (2011) aponta que a vida apressada tem sido um dos maiores obstáculos para a educação na era da modernidade líquida, pois os estudantes têm o grande desafio de viver em um mundo ultrassaturado de informações e ainda são cobrados a aprender. Para Bauman, nesse contexto, mais desafiador ainda é educar o ser humano neste novo modo de viver. Percebemos, nas instituições escolares, a pouca atenção que tem sido dada à subjetividade e à criatividade na formação dos jovens. A escola ainda protagoniza a reprodução de padrões tradicionais e castradores de ensino, sendo essa a realidade da maioria das instituições educacionais brasileiras.

A herança dos paradigmas cartesiano e mecanicista na visão de mundo e educação, tem promovido uma visão fragmentada da produção do conhecimento, assim como reforçado a visão limitada que se tem do humano e da sua relação com o meio. Morin *et al* (2003) aponta que “a ciência determinista dissolveu a noção de sujeito, a filosofia positivista e a filosofia estrutural perseguiram-na. Contudo, esta sempre volta, aqui e ali, mas sempre sem fundamentação” (MORIN *et al*, 2003, p. 74). Para Morin, a curiosidade e a paixão são o que impulsionam a reflexão filosófica e científica. O autor afirma que, nos mamíferos a afetividade e o desenvolvimento da inteligência são inseparáveis, asseverando que se “a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção e o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais” (2000, p.19).

Entre os vários aspectos que integram o contexto educacional, há a necessidade de uma compreensão sobre a racionalidade na educação como o equilíbrio entre subjetividade e objetividade. Krishnamurti (1976) diz que para olhar o ser humano de modo integral na educação é necessário dissolver a noção do dualismo cartesiano de separação corpo/mente, corpo/alma, sujeito/objeto e assumir a visão da complexidade humana, pensamento defendido também por Morin (2000). Ao destacar a integralidade na formação educacional do sujeito, Krishnamurti afirma que “é a compreensão do processo total da existência humana que traz a integração” (1976, p.45). Para Krishnamurti, a educação moderna, desenvolvendo o intelecto, ministra teorias e mais teorias, fatos e mais fatos, mas não nos faz compreender o processo total da existência humana. Para o filósofo, “somos altamente intelectuais, desenvolvemos mentes astuciosas e vivemos num emaranhado de explicações. O intelecto se satisfaz com teorias e explicações, mas a inteligência não; e para a compreensão do processo total da existência, é necessária uma integração da mente e do coração no agir” (1976, p. 63).

Em consonância com esse pensamento, Boff (1996) diz que a nossa capacidade de inteligência não está apenas na razão instrumental, “precisamos considerar que junto ao *logos*, está o *eros* (vida e a paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e o *daimon* (a voz interior da natureza) [...] voz da natureza que fala em nós” (1996, p, 31). No mesmo sentido, Morin afirma que “é o racionalismo irracional quem ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida” (2000, p.23). Para o autor, a racionalidade deve conhecer os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo e reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento.

De acordo com Krishnamurti (1976), a educação correta reside em uma ação pedagógica a serviço da arte de viver. Assim, segundo o autor, a educação não deve significar apenas a aquisição de conhecimentos dos fatos, mas a compreensão do significado da vida como um todo, ou seja, a busca pela compreensão de si mesmo. Sob esse contexto, a fim de que se cultive uma sociedade mais sustentável nos dias de hoje, é urgente ampliar o campo de saberes insuficientemente explorado na educação tradicional. Para tal,

reconhecer que o conhecimento não pode ser reduzido a uma forma de dominação da realidade, e sim como uma forma de entrar em comunhão com as coisas (BOFF, 1996).

A realidade do paradigma educacional vigente tem conduzido a uma crescente produção de conhecimentos vazios e desprovidos de sentidos para os estudantes, pois muitas vezes eles não são protagonistas no seu processo de conhecimento e nem são estimulados a serem sujeitos autônomos. Para Krishnamurti, a educação induz o indivíduo à adaptação a um padrão, distanciando-o do despertar de sua inteligência integral, pois nega a compreensão de si mesmo como um processo total. Segundo o autor “qualquer forma de educação que atenda a apenas uma parte e não a totalidade do humano conduz, inevitavelmente a conflitos e sofrimentos cada vez maiores” (1976, p.27).

Desse modo, pensar em uma educação que brote da sensibilidade, a fim de fortalecer os alicerces de princípios e valores com relação à necessidade de se educar, e que possa favorecer uma reflexão crítica e uma ação responsável e comprometida com os valores da vida é um caminho de prosperidade para a transformação do atual mar ao qual a educação está mergulhada. Não há como refletir sobre temas como conscientização e cidadania sem partir dos saberes e conhecimentos prévios e ainda, do imaginário de cada indivíduo. Não há como envolver e, conseqüentemente, mobilizar para uma educação política e cidadã sem considerar o universo sensível e subjetivo, no qual os sujeitos fecundam e gestam os sentidos necessários às transformações e desafios para a manutenção e sustentação da vida.

Para Freire (1998), ensinar é criar possibilidades de experimentação para que o aprendizado aconteça, e assim, despertar para um novo conhecimento, ou seja, é importante que o educador perceba o ato de educar como um processo de desenvolvimento do conhecimento de maneira relacional. Freire (1998) e Krishnamurti (1976) afirmam que ensinar não é uma transferência de conhecimento, e sim uma construção dialógica de conceitos que se consolidam a partir das diversas experiências vividas e refletidas pelos sujeitos. Segundo Freire (1998) é através de uma relação sensível com o meio e com as pessoas que nasce um novo olhar da prática pedagógica, que é infinita em possibilidades de reinvenção. Nesse sentido, o educador deve ampliar o universo de suas ideias sobre o

ambiente e sobre o educando e ainda, sobre a interação entre eles, despindo-se de preconceitos ou estratégias limitadas, durante o percurso rumo ao conhecimento. É necessário ainda, respeitar o tempo e as condições de aprendizado de cada indivíduo, que carrega uma história pessoal, familiar e social. Sendo assim, é necessário reconhecer e valorizar as características pessoais dos indivíduos, e perceber que são em momentos de desafios e de aparente fragilidade, que emergem a superfície a complexidade humana.

Compreender o valor em assumir uma atitude comprometida com a prática pedagógica, é para Freire (2000), cultivar a solidariedade entre educador e educando. Para tanto, os educadores precisam criar meios que fortaleçam, nos educandos, a segurança em si mesmos, elevando sua autoestima e autoconfiança, incentivando constantemente o olhar para si mesmos e suas atitudes, a fim de despertar a reflexão de quem são e o que querem realizar na vida. Dessa forma, poderão favorecer o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem significativo, criando um ambiente, em sala de aula, mais saudável e estimulante. Esse equilíbrio ambiental pode ser promovido pela criação de espaços-tempos que favoreçam a livre expressão das emoções e sentimentos dos educandos. Nesse sentido, a arte e a poesia podem ser utilizadas de inúmeras maneiras, sendo contextualizadas junto aos conhecimentos que se desejam alcançar.

Caminho das águas: sobre a metodologia de pesquisa e o percurso vivencial da pesquisa de campo

Com foco nas dimensões poéticas e simbólicas da água, buscamos investigar formas pedagógicas que privilegiassem a liberdade imaginativa, o cuidado de si, o reconhecimento do outro e a amorosidade, visando uma relação ecológica de cooperação, cuidado e confiança. Ao buscar a reeducação pessoal e partilhada do olhar, da sensibilidade, da imaginação e da inteligência, no processo de ensino-aprendizagem, os saberes curriculares das áreas de Arte e Educação Ambiental foram utilizados, a fim de refletir as vocações pedagógicas desses dois campos de conhecimento.

Sob essa inspiração, a presente pesquisa foi desenvolvida conforme os pressupostos da pesquisa-ação existencial, proposta por Barbier (2004), sendo fundamentada nos

conceitos de sujeito-pesquisador e escuta sensível com foco na transformação da realidade e produção de conhecimento. Conforme apontam Catalão & Rodrigues (2006) a pesquisa-ação existencial considera o papel da subjetividade na construção do conhecimento, em que sujeito e objeto compartilham do processo de maneira dialógica, buscando a transformação de ambos ao mesmo tempo em que se conhece a realidade.

Conforme Barbier (2004), estas noções incentivam o pesquisador a ter uma relação de envolvimento com os sujeitos, aceitando que as dimensões pessoal, social e mítica de todos os atores da pesquisa estejam presentes, interfiram e tenham relevância. Dessa maneira, o pesquisador funde-se com o coletivo, fortalecendo o sentido do pensar junto e reconhecendo seu lugar no contexto coletivo. Sendo assim, a afetividade é um elemento de grande valor no processo, pois contribui para o fortalecimento de vínculo e engajamento pessoal e coletivo dos pesquisadores, favorecendo assim o aprofundamento das questões que envolvem a pesquisa. Para tanto, é essencial que a reflexão sobre a ação seja permanente a fim de aprender e conhecer enquanto o processo de transformação acontece e transformando enquanto se conhece a realidade. Esse tipo de pesquisa rompe com a dicotomia sujeito/objeto, pois compreende que o pesquisador no ato de observar já está intervindo.

Consideramos a interioridade e a diversidade humana, reconhecendo a natureza como mestra, em seus desdobramentos sensível, poético e simbólico. Para Morin, a complexidade supera a visão do reducionismo e da simplificação do pensamento, compreendendo que as partes se integram ao todo, buscando assim a completude, entretanto, o autor assume que “a consciência da complexidade nos faz compreender que jamais poderemos escapar da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: a totalidade é a não verdade” (2007, p. 69).

De acordo com Catalão & Moraes, a água é uma matriz ecopedagógica que, em suas metáforas, inspira movimentos transversais, pois como em uma bacia hidrográfica, religa o corpo humano ao corpo da terra, atravessando conceitos diversos que se encontram em bacias pedagógicas transdisciplinares. Para as autoras “a água apresenta-se como elemento

articulador dos conhecimentos sistematizados, conhecimentos que emergem da prática, conhecimento popular, percepção estética e expressões simbólicas” (2011, p. 42).

O diário itinerante proposto por Barbier (2004) foi utilizado pelos estudantes e pelos professores participantes da pesquisa. Este instrumento de investigação emprega a tríplice escuta/palavra, clínica, filosófica e poética, da abordagem transversal. Assim, os estudantes pesquisadores e a pesquisadora, propositora do estudo, registraram sentimentos pessoais, sobre aquilo que durante e após as atividades pensaram, meditaram e poetizaram, a partir das experiências vividas. Segundo Barbier, este diário “retrata a itinerância de um sujeito, grupo ou comunidade, mais do que uma “trajetória” muito bem balizada” (2004, p. 133).

Além do diário de itinerância como instrumento de pesquisa, foram realizados registros fotográficos durante o percurso a fim de promover uma memória do trajeto percorrido, nutrindo a atitude reflexiva sobre os desdobramentos da pesquisa. Na fase de realização das vivências, foram priorizados meios que estimulassem o imaginário criativo dos estudantes, buscando uma prática que promovesse a poesia e que encantasse o olhar, favorecendo um aprendizado sensível e um enraizamento da ecologia humana e da consciência ambiental.

A pesquisa de campo foi realizada em um Centro de Ensino Fundamental da rede pública de ensino localizado na cidade do Paranoá, no Distrito Federal. Esta aconteceu no segundo semestre do ano letivo de 2020, em um contexto desafiador de pandemia, sendo necessário então a implementação do ensino remoto. Ao todo foram realizados 12 encontros síncronos por meio da plataforma virtual Google Sala de Aula. Participaram da pesquisa 20 estudantes, dos gêneros masculino e feminino, cursando o 8º ano do Ensino Fundamental. Do total de participantes, 12 estudantes são do sexo feminino (60%) e 8 estudantes são do sexo masculino (40%). Cabe ressaltar que a presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (número do protocolo de aprovação: CAAE 39858720.3.0000.5540).

O desafio de ter que realizar os encontros em formato virtual provocou uma reflexão cuidadosa sobre a criação de um espaço/tempo favorável à comunicação e discussão dos participantes, a fim de que fosse possível obter um ambiente de aprendizado significativo.

Embora tivéssemos que lidar com a limitação do distanciamento físico e do olho no olho, buscamos criar um espaço favorável para o despertar da percepção e a construção de saberes, incentivando a fala e a escuta de todos por meio do diálogo, do respeito e do fortalecimento do coletivo. Nesse fluxo, apoiamo-nos aos fundamentos de Paulo Freire e sua metodologia de círculo de cultura, no qual todos aprendem e ensinam por meio da troca de experiências, histórias de vida e bases culturais.

Realizamos entrevistas em grupo no início e ao fim do percurso vivencial. Estas tiveram como objetivo verificar a percepção que os participantes tinham de si mesmos e sua relação com a água e a natureza. Ao longo do processo de estudo de campo, foram conduzidas práticas de meditação, respiração, corporeidade, musicalidade, artes visuais e cultura afro-brasileira e indígena, incentivando as expressões individuais, com o propósito de ampliar o campo perceptivo dos sujeitos e estimular o acesso à subjetividade. As vivências foram fundamentadas nos conceitos de transversalidade, complexidade e transdisciplinaridade, e buscaram inspirar nos participantes, a capacidade de reflexão e análise sobre o processo em que estiveram imersos. Desse modo, foram conduzidas dinâmicas, rodas de conversa, produções expressivas artísticas e textuais e estímulo à utilização de um diário íntimo, a fim de despertar para o reconhecimento da natureza em seu próprio ser e ainda avaliar a sua evolução no percurso das vivências.

As atividades foram realizadas mediante oficinas ecopedagógicas, que objetivaram o despertar da sensibilidade do ser poético e do fazer artístico, visando a construção do conhecimento integral sob um olhar multifacetado e multidimensional, despertando para o universo de símbolos, mitos e metáforas que a água carrega. As percepções sensível e estética foram incentivadas na prática contínua de escuta ativa e reflexiva, buscando o fortalecimento de potencialidades como a afetividade, solidariedade, amorosidade e sensibilidade quanto ao cuidado com as naturezas pessoal, coletiva e planetária, inspirando o estudante quanto ao reconhecimento de sua inseparabilidade com a natureza. As oficinas vivenciais tiveram em sua estrutura dois momentos: um inicial e outro final, sendo esta última destinada à avaliação do processo vivenciado. Cada encontro teve a duração entre 2 horas e meia a 3 horas e foram realizados durante o horário das aulas de Projeto

Diversificado das aulas de Língua Portuguesa e Artes. Ao longo do processo, foram realizadas atividades de expressão e reflexão, tais como: desenho, pintura, escultura, meditação, corporeidade, aula expositiva, prática de plantio e alimentação consciente; além de momentos contemplativos e círculo de conversas. As vivências foram: Ancestralidade das águas, Minhas raízes, Flecha no tempo, Ancestralidade Africana, Água e emoções, Vórtices da natureza, Água e poesia, Minhas águas - nossas águas, Cerrado - berço das águas, Direitos da água, Plantando água e interconectando a vida, Planeta água.

Nas vivências citadas mergulhamos em temas como ancestralidade africana e indígena, em que trouxemos de forma sucinta a história dos povos africanos e indígenas do Brasil e a consequente construção da identidade brasileira. Nesse mar, convidamos os estudantes à pesquisarem a origem genealógica de suas famílias e assim refletirem sobre suas histórias de vida e raízes ancestrais por intermédio do fazer artístico explorando a escultura e a pintura utilizando materiais que dialogavam com a poética do tema, como argila (para a produção de peças cerâmicas) e o urucum (que foi utilizado para a produção de tinta aquarela).

Adentramos ainda em tons poéticos da água, que proporcionou o encantamento do olhar, fazendo emergir profundas notas de compreensão sobre a vida. Por meio da poesia de tantos campos simbólicos, a água nos conduziu ao fluxo das emoções e sentimentos, mergulhando nos conceitos de vórtices, centros de energia e mandalas. Nesse mergulho, produzimos mandalas com linhas de lã, enquanto conversávamos sobre sentimentos.

A essência das vivências trouxe o diálogo com as várias áreas do conhecimento coexistindo de forma circular, sendo assim, tivemos educadores/pesquisadores de diversas áreas de formação conduzindo os encontros. No encontro “Cerrado: berço das águas” adentramos no Bioma Cerrado de forma vivencial ao fazer uma “viagem virtual” pelo Google Earth, onde pudemos observar as águas que nascem no Cerrado e as grandes bacias hidrográficas brasileiras que este bioma alimenta, e a partir disso, compreendemos sua grande importância social e ambiental.

A fim de refletir sobre a relação de consumo e cuidado com as águas, provocamos questões sobre formas de viver em harmonia com a vida, explorando o conceito de “água

virtual” refletimos sobre quais são reais necessidades de consumo do ser humano. Seguida dessa reflexão, fomos para o campo da alimentação fazendo uma analogia com as águas, ou seja, o alimento purifica ou polui as águas internas e externas? Essa vivência, chamada “Minhas águas, nossas águas” contou com uma oficina de germinação de sementes, produção de brotos e suco verde.

As últimas vivências foram conduzidas por educadoras ambientais que trouxeram os conceitos da permacultura e da agrofloresta, nos convidando a refletir sobre cooperação e interconectividade com a vida. Pudemos nesses dois últimos encontros, realizar plantios inspirados no sistema agroflorestal (que foi realizado em uma bacia) e ainda produzimos um miniecosistema por meio da técnica de construção de terrários.

Importante ressaltar que as reflexões sobre o caminho percorrido durante os encontros aconteceram durante todo o processo das vivências. Buscamos observar a relação entre os aspectos afetivos, imaginários e cognitivos sobre a percepção dos participantes em relação às práticas realizadas e, desse modo, a avaliação sobre a participação e os caminhos que se formavam durante o trajeto da pesquisa de campo apontavam a direção a ser seguida.

A partir das dinâmicas de diálogos e trocas constantes entre o grupo, buscamos compreender com maior profundidade a realidade dos participantes e assim, dialogar com suas características através de uma linguagem acessível e coerente, proporcionando uma comunicação mais próxima e aberta. Além disso, o estímulo à fala ativa dos participantes foi exercitado por meio da abertura para a escuta, estabelecendo aos poucos um espaço de vínculo e construção da identidade do grupo.

Mesmo diante do desafio de não termos a presença física, fomos surpreendidos pelo envolvimento e entrega dos estudantes; cenário esse que não era o esperado pelos professores, pois conforme a perspectiva inicial sobre a interação dos estudantes nas aulas virtuais, a participação deles seria o maior desafio para o desenvolvimento da pesquisa. Podemos afirmar que superamos às expectativas, pois eles não só frequentaram os encontros, como protagonizaram papéis de extrema relevância para a semeadura dos aprendizados propostos pela pesquisa.

Reflexões finais

Na experiência proporcionada pela pesquisa, a água percorreu vários leitões de profunda beleza, mas também revelou memórias de marcas dolorosas como a do racismo estrutural, do machismo, da homofobia, do preconceito, da intolerância e desrespeito à diversidade cultural e religiosa, trazendo à superfície questões relacionadas às “substâncias” humanas e ambientais. Entretanto, a água como elemento fluído revela, pelo seu movimento, a possibilidade de novas rotas e cursos de transformação.

Sua poesia nos ensina o caminho do amor e da gratidão, e seu comportamento na natureza revela que a prosperidade da vida começa no cuidado, na cooperação, na união e na doação. Com a água aprendemos a agradecer pelo dom e brilho da vida, pela abundância e prosperidade que a natureza apresenta em todos os eventos diários e pelo ar fresco que abraça a tudo e a todos.

Nesse fluxo, a água é uma grande mestra para compreendermos os caminhos de uma educação amorosa e libertadora, pois educar com afeto, valorizando os sentimentos e emoções, é um ato de hidratação do ser. É por essa razão que o educador que habita em si o amor pelo humano e pela humanidade, mantém acesa a chama da fé, acreditando que a luta por justiça, igualdade e paz entre os povos faz parte do seu ofício. Assim, lembramos Paulo Freire, ao elucidar que educar é um ato político, pois carrega o compromisso de luta por justiça social e igualdade (importante lembrar que sem justiça não há paz).

Sabemos que provocar o despertar da consciência no espaço escolar é um caminho que requer dedicação e superação das crenças limitantes que impõem a construção de uma auto realização do sujeito associada à sua capacidade de consumo e acumulação de informações, que muitas vezes refletem a necessidade de controle e domínio da ordem natural das coisas, e nesse sentido, vemos refletida a imagem de dominação e exploração irracional da natureza. Continuar seguindo esse caminho é solidificar a presença de sintomas cada vez mais claros da solidão que impõe o caminho do individualismo. Dentre esses sintomas, vemos claramente entre as crianças e os jovens, que ainda são sensíveis e carregam em si a capacidade de questionamento e inconformismo, o crescente número de casos de transtornos psíquicos, mentais e emocionais. Esse esvaziamento de sentido

característico de uma prática educacional distanciada, como atenta Bauman (2011), que privilegia um saber duro, inflexível e puramente científico, precisa dar espaço à um saber integral que preza pela formação humana, sendo assim, maleável, discursivo e afetuoso, ou seja, uma educação “aproximada” e encantada, relacionada aos cantos (no contexto dos diferentes lugares) e ao sentido de encantamento pela sensibilização à beleza diversa.

Sabemos que há muito ainda que pesquisar, registrar e refletir sobre esse transformador percurso das águas e suas infinitas possibilidades de servir como inspiração para a sensibilização e acesso aos conteúdos da subjetividade humana. Entretanto, esse estudo reforçou o valor de exercitar o olhar para o indivíduo de forma inteira, acolhendo suas emoções, sentimentos, sonhos, histórias e saberes, e com isso, construir um caminho bonito, com as mãos de um coletivo que se apoia e se fortalece.

Referências

ALFASSA, Mira. **Educação: um guia para o conhecimento e o desenvolvimento integral de nosso ser**. 3. ed. Casa Sri Aurobindo, 1977.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano, 2004. Série Pesquisa em Educação, v.3.

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1996.

CAPRA, Frijot. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CATALÃO, Vera; RODRIGUES, Maria do Socorro (Orgs). **Água como matriz ecopedagógica**. Brasília: Universidade de Brasília/Departamento de Ecologia, 2006.

CATALÃO, Vera. As qualidades Sensíveis da Água. In: CATALÃO, Vera e RODRIGUES, Socorro (Orgs). **Água como Matriz Ecopedagógica**. Brasília: Edição do Departamento de Ecologia, UNB, 2006.

CATALÃO, Vera; MORAES, Josefina Reis. Ecopedagogia na confluência da bacia hidrográfica e da bacia pedagógica. **Revista Terceiro Incluído**, vol. 1, 2011, p. 35-43.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 1976.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. *et al.* **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método da aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SOUZA, Daniela Barreto de; SOUZA, Adílio Junior de. **Itan: entre o mito e a lenda**. Macapá. p. 99-113, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Macapá, v. 8, n. 3, 2º sem., 2018. Acesso em: 02 fev. de 2021.

VALLADO, Armando. **Iemanjá: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

VOLTOLINI, Rinaldo. (2015) **Miséria ética na educação inclusiva: por uma educação mais política que social**. Educação, 38 (2), 222-229. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.2.20048>

WILKES, A. John. **Flowforms: o poder rítmico da água**. Tradução de Carlos Szlaz. São Paulo: Senac, 2008.

Submetido em: 23-08-2021

Publicado em: 18-08-2023